

**O PURO E O MISTURADO:  
EQUÍVOCOS PRODUTIVOS E EXPERIÊNCIAS CRIATIVAS DE DIFERENÇAS  
– HERMENÊUTICA INTERCULTURAL E COMUNICAÇÃO EM POIMÊNICA  
E ACONSELHAMENTO<sup>1</sup>**

**Christoph Schneider-Harpprecht<sup>2</sup>**

**Resumo:** A poimênica intercultural tem por objetivo capacitar clientes em situações culturais de entrecruzamento a se comunicar mutuamente de forma construtiva e a levar a bom termo, em conjunto, conflitos da vida comum com base em suas orientações religiosas. A contribuição esclarece os fundamentos hermenêuticos da poimênica intercultural. Ela aponta para os limites da compreensão baseada em empatia na poimênica e desenvolve uma hermenêutica do desentendimento com base numa teoria de comunicação construtivista. Ela enquadra os esforços da poimênica intercultural na teologia das religiões.

**Palavras-chave:** Aconselhamento pastoral intercultural. Religião e cultura. Hermenêutica construtivista.

*Intercultural Pastoral Care and Counselling*

**Abstract:** Pastoral Care and Counselling empowers clients in situations of cultural intersection to communicate adequately and to cope with difficulties or realize conflict solutions in common. The article explains the hermeneutical foundation on Intercultural Pastoral Care and Counselling. It shows the limits of understanding based in empathy and develops a “hermeneutic of misunderstanding” based on a constructivist theory of communication. It integrates the efforts of Intercultural Pastoral Care and Counselling within the Theology of Religion.

**Keywords:** Intercultural Pastoral Care. Religion and culture. Constructivist hermeneutic.

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 24 de agosto de 2011 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 23 setembro de 2011. Traduzido do original alemão “Das Reine und das Vermischte: Produktive Missverständnisse und kreative Differenzverfahren – Interkulturelle Hermeneutik und Kommunikation in Seelsorge und Beratung”, por Uwe Wegner.

<sup>2</sup> Christoph Schneider-Harpprecht nasceu em 1955 in Stuttgart, Alemanha. Estudou Teologia Evangélica, (1974-1980), exerceu o vicariato na Igreja Evangélica de Baden (1981-1983), foi professor adjunto de Teologia Prática na Kirchliche Hochschule Bethel (1983-1987) e realizou o doutorado em Teologia Prática. De 1987 a 1991 exerceu o pastorado na Igreja Evangélica em Bergisch Gladbach. Entre 1991 e 1998 foi professor de Teologia Prática na Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil em São Leopoldo/RS. Entre 1998 e 2000 atuou como diretor do Instituto de Poimênica da Igreja Evangélica da Alemanha na Kirchliche Hochschule Bethel. Entre 2000 e 2007 exerceu a cátedra de Teologia Prática na Evangelische Hochschule em Freiburg, instituição da qual também foi reitor (2002-2007). Desde 2007 é secretário de Educação da Igreja Evangélica de Baden e professor de Teologia Prática na Universidade de Heidelberg. Contato: Christoph.Schneider-Harpprecht@ekiba.de

## **1. Definição e objetivo da poimênica intercultural**

Poimênica e aconselhamento interculturais e inter-religiosos fazem parte da poimênica genérica em comunidades da igreja e instituições eclesiais. Sua meta geral é capacitar pessoas em situações de entrecruzamento cultural para se comunicarem reciprocamente de forma construtiva. Seu objetivo especial é apoiar pessoas a superarem em conjunto dificuldades e conflitos na coexistência. Poimênica intercultural e inter-religiosa encontra-se, assim, ativamente integrada nos esforços da comunidade por integração e pela coexistência pacífica entre as diversas culturas. Ela presta uma contribuição para a competência intercultural.

Uma pressuposição para isso é o esclarecimento teórico dos fundamentos da compreensão e comunicação interculturais, questão que pretendo abordar em dois passos. Num primeiro passo devem ser apresentados possibilidades e limites da compreensão com sensibilidade. Num segundo passo deve-se desenvolver o modelo de uma teoria construtivista da comunicação intercultural, que considero a base apropriada de uma poimênica intercultural orientada de forma sistêmico-construtivista. Por fim deve-se refletir sobre a ancoragem da poimênica intercultural e inter-religiosa numa teologia das religiões.

## **2. Da empatia para a interpatia? Possibilidades e limites da compreensão com sensibilidade**

Entendimento recíproco é um propósito fundamental da poimênica. Pessoas buscam diálogos poimênicos ou estão dispostas a praticá-los porque buscam compreensão para aquilo que as move e porque esperam ser compreendidas. Quem permanece incompreendido acaba se afastando, passando a trilhar mais ou menos decepcionado seus próprios caminhos. A compreensão é a condição fundamental da ajuda poimênica, consultiva e terapêutica. Por isso o ensino da poimênica também se esforçou intensivamente para esclarecer e melhorar os pressupostos do entendimento no diálogo poimênico. Normalmente, nesses casos, fala-se de “empatia” ou de “compreensão com sensibilidade”. O que se pretende dizer com isso é, inicialmente, que curas d’almas têm capacidade para entender o que move outra pessoa quando conseguem reconstituí-lo cognitivamente e emocionalmente para si e o informam a ela. Pela empatia, aquilo que a outra pessoa comunica verbal ou não verbalmente deve ser captado em sua importância. Neste contexto tudo depende da relação entre conteúdo cognitivo e os sentimentos por meio dele tocados. Só quando, ao lado do conteúdo, também o lado emocional é atingido e isso é reconhecido pelo outro, pode surgir a impressão de se ter sido compreendido completamente ou, pelo menos, em grande parte. A maneira mais simples de esclarecer o que afirmamos

fornece o modelo dos quatro lados de uma mensagem, de Schultz von Thuns.<sup>3</sup> A mensagem tem um aspecto de conteúdo, um aspecto de relação, pode ser ouvida como autoafirmação do locutor e como apelo. Na compreensão empática trata-se de correlacionar de forma apropriada esses níveis e captar os sentimentos da outra pessoa vinculados com o aspecto da relação, da possível autoafirmação e do possível apelo. Só então a mensagem foi totalmente apreendida. Em relação à poimênica intercultural, levanta-se a pergunta: até que ponto é possível uma compreensão com sensibilidade entre pessoas que provêm de sistemas culturais diferentes, aprenderam diferentes códigos linguísticos e emocionais e partem de diferenciados sistemas de valores e hierarquia? Onde se encontram os limites da compreensão empática?

A concepção da compreensão com sensibilidade tem suas origens na filosofia de Wilhelm Dilthey, foi retomada pela psicologia dos inícios do século XX e definida por Carl Rogers como um dos fatores centrais do agir psicoterapêutico. Dilthey se entretém com o problema de como pessoas podem entender os processos interiores em outras pessoas, das quais se encontram separadas e a cuja interioridade não conseguem ter acesso direto. O mundo interior da outra pessoa, em princípio, está fechado. O acesso a ele é possibilitado mediante uma conclusão por analogia. Como ouvinte da mensagem da outra pessoa, eu decodifico linguisticamente a mensagem e, a seguir, olho para mim e procuro sentir dentro de mim. Eu associo o conteúdo do que foi dito com lembranças de experiências próprias, imagens interiores e pensamentos, que para mim são semelhantes ao que foi dito pela outra pessoa. Nesse processo, tornam-se presentes para mim os sentimentos que têm a ver com minha experiência, que se apresenta viva por meio das lembranças. Mediante uma conclusão por analogia, eu então parto do pressuposto que a outra pessoa, que se encontra em situação semelhante, tem sentimentos iguais ou semelhantes aos meus. “Em termos breves, trata-se do processo de compreensão pelo qual a vida se esclarece a si mesma em sua profundidade, e por outro lado, só entendemos a nós próprios e a outros à medida que introjetamos nossa vida experimentada em todo tipo de expressão da vida própria ou de outros.” “A compreensão de expressões de vidas ou de pessoas estranhas forma-se sobre o fundamento da compreensão de si mesmo e em constante ação de troca recíproca.”<sup>4</sup>

Isso é retomado pela concepção de empatia de Carl Rogers. Também em Rogers a empatia como capacidade de transpor-se para dentro de sentimentos ou concepções de outras pessoas reside na capacidade de perceber-se a si próprio, e numa conclusão por analogia. Empatia é, para Rogers, o fundamento do comportamento acolhedor por parte do/a terapeuta. Ela sinaliza a aceitação incondicional da outra pessoa, criando em si importantes pressupostos para a aceitação do próprio eu e para o autodesenvolvimento. Rogers tem clareza sobre o fato que, por empatia,

---

<sup>3</sup> VON THUN, F. Schultz. **Miteinander Reden**. 1. Störungen und Klärungen. Reinbek, 1997.

<sup>4</sup> DILTHEY, W. **Der Aufbau der geschichtlichen Welt in den Geisteswissenschaften**. Frankfurt a. M., 1984. p. 98s; 542.

só se pode apreender por aproximação o que ocorre no interior da outra pessoa e que, portanto, permanece uma diferença entre o próprio interior e o interior da outra pessoa, entre autocompreensão e compreensão de estranhos. Mesmo assim, o autoentendimento é o fundamento para o entendimento de pessoas diferentes.

Boa psicoterapia, aconselhamento e poimênica que trabalham sobre o fundamento da empatia têm ciência dessa diferença. E, não obstante, por vezes, surge a impressão que, justamente na práxis dos procedimentos inerentes à psicologia profunda, a consciência desse limite é ofuscada. Por isso se fala, em conexão com a teoria do narcisismo e da autopsicologia psicanalítica, sobre o fenômeno da transferência em espelho<sup>5</sup>, pela qual são transferidos desejos narcisistas pré-linguísticos por simbiose, bem como fantasias de grandeza ou onipotência para o terapeuta, que refletem como um espelho a identidade do outro. Essa transferência em espelho pode ser percebida por introspecção ou empatia. As associações e emoções que são deflagradas no/a terapeuta passam então a valer como reflexo dos sentimentos e fantasias inconscientes do outro, que ele, em si próprio, não chega a perceber. Na prática sugere-se facilmente a seguinte dedução: se eu dou atenção para aquilo que o outro deflagra em mim, passo a compreendê-lo até camadas profundas inconscientes. A autopercepção passa a tornar-se, então, fundamento da intervenção terapêutica ou poimênica. E, não obstante, quem pode estar certo que nós, em tal procedimento, entendemos a nós próprios na relação com o outro, mas de forma alguma a vida interior daquele que está à nossa frente? O tema “puro” ou “misturado” coloca-se aqui diante de nós numa variante hermenêutica: na percepção do/a terapeuta misturam-se coisas próprias e coisas alheias. A arte consiste em manter ambas as coisas separadas. Pressuposição para isso é um profundo conhecimento da própria pessoa, que permite identificar o estranho que se mistura nos estados interiores. Uma pergunta aberta é se e em que medida isso é possível.

Uma resposta para isso possivelmente é fornecida pela mais recente pesquisa do cérebro, com a descoberta dos assim denominados neurônios-espelho. Trata-se de células nervosas que, no cérebro, desencadeiam os mesmos potenciais durante a contemplação de uma atividade como eles surgiriam se referida atividade não fosse só (passivamente) contemplada, mas (ativamente) desempenhada.<sup>6</sup> Em crianças autistas foi verificado que os neurônios-espelho são menos ativos na observação e imitação de movimentos de rosto que representam medo, raiva, luto, sorte que em crianças não autistas. É discutido se os neurônios-espelho são decisivos para a empatia, intuição e também representam o *missing link* na evolução da linguagem.

---

<sup>5</sup> Cf. KOHUT, H. Introspektion, Empathie und Psychoanalyse. In: \_\_\_\_\_. **Introspektion, Empathie und Psychoanalyse.** Aufsätze zur psychoanalytischen Theorie, zu Pädagogik und Forschung und zur Psychologie der Kunst. Frankfurt a.M., 1977. p. 9-35.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.wissenschaft.de/sixcms/detail.php?id=155366>>.

Jörg Bauer, neurologista na Universidade de Freiburg, defende essa tese, para a qual, porém, ainda não existem evidências empíricas.<sup>7</sup>

Se a outra pessoa com a qual nos encontramos provém de um diferente sistema cultural, a tarefa da empatia fica ainda mais complexa, pois, nesse caso, necessitam ser pressupostos outros significados linguísticos, constructos de sentido, valores e normas. A concepção teórica da interpatia, desenvolvida por David Augsburger, aplica a ideia da empatia a essa situação. Interpatia descreve uma empatia que parte de concepções de valor culturais, normas e posturas diferentes da outra pessoa. O empático procura imaginá-las, antecipando-as no ato da empatia, que as pressupõe.<sup>8</sup>

No fundo, trata-se aqui de um problema semelhante ao verificado na compreensão de textos escritos. Perguntamos pela intenção do autor e procuramos interpretar o texto nesse horizonte. Na interpretação, entretanto, nos deparamos seguidamente com nossa própria concepção, correndo o perigo de simplesmente imputá-la ao autor. Diante do texto, tendemos a entender a nós mesmos, ficando a intenção original do autor inacessível para nós.<sup>9</sup> A hermenêutica da estética da recepção tirou consequências do fato. Ela desiste de perguntar pela intenção do autor e interpreta o texto à luz de sua história repercussiva.

Nós temos maior chance de fazer progressos num diálogo com outra pessoa, que pode nos responder, reagir ao nosso ponto de vista e corrigi-lo, do que na interpretação de um texto, cujo autor nada mais pode nos explicar. No diálogo, conseguimos chegar até uma aproximação mútua controlável dos pontos de vista de ambos os interlocutores. Essa é a vantagem do diálogo em relação à interpretação de textos.

### **3. O desentendimento como proposta inicial de uma hermenêutica intercultural**

Um marinheiro chinês dialoga com a pastora alemã da pastoral dos marinheiros sobre o fato de encontrar-se bastante só e ter o desejo de casar, mas lhe faltar a coragem para tanto, pois necessita se preocupar com o bem-estar de sua mãe e irmãos. Depois de perguntado sobre quais expectativas nutria em relação à sua futura esposa, ele esboça o seguinte quadro: uma mulher que se preocupe com as crianças e sua mãe enquanto ele se encontrar no mar. A pastora da pastoral dos marinheiros fica um pouco chocada com essa concepção. Ela indaga: Isso é assim

---

<sup>7</sup> BAUER, J. **Warum ich fühle, was du fühlst.** Intuitive Kommunikation und das Geheimnis der Spiegelneurone. 10. Aufl. Hamburg, 2006.

<sup>8</sup> Essa concepção de interpatia foi introduzida na discussão por David Augsburger (AUGSBURGER, D. **Pastoral Counseling across Cultures.** Philadelphia, 1986).

<sup>9</sup> Cf. sobre isso KÖRTNER, U. **Der inspirierte Leser.** Zentrale Aspekte biblischer Hermeneutik. Göttingen, 1994.

nas famílias chinesas? Então passa a ser informada que em famílias chinesas o filho mais velho tem uma especial responsabilidade de zelar pelo bem-estar dos pais e que uma desistência dessa tradição, segundo o modelo ocidental, dificilmente entraria em cogitação para ele. A pastora também sabe que muitas chinesas não se encontram mais dispostas a seguir esse modelo e pôde ponderar o fato com o marinheiro.

Por intermédio de informação específica, modelos culturais tornam-se compreensíveis e também podem ser problematizados. De início, contudo, seguidamente são motivo para desentendimento. Um pai turco queixa-se, junto a uma educadora no jardim de infância frequentado por sua filha, que os serviços municipalizados de sua cidade pretendem desligar a energia elétrica e o sistema de aquecimento a gás em sua moradia. Ele teria recebido uma conta bem acima do normal. A educadora se oferece para ajudar e telefona para o órgão dos serviços municipalizados. Ali ela é informada que o homem não havia deixado os encarregados da medição entrarem na moradia, porque esses não estavam dispostos a tirar os sapatos. Essa foi a razão pela qual o órgão foi obrigado a lhe enviar uma conta genérica. O turco explicou que sua moradia era usada como local de oração, sendo, por isso, considerada como solo santo, como uma mesquita. Ele não deveria ser pisado com sapatos. O turco sentia o comportamento dos ajudantes dos serviços municipais como ofensivo aos seus sentimentos religiosos e discriminador.

Desentendimentos interculturais acontecem quando uma pessoa que se comporta de acordo com regras, valores e orientações significativas de uma cultura, introjetados em processos de aprendizado de vários anos, tem dificuldades de entendimento no contexto de outra cultura, com outras regras, valores e orientações significativas, pelo fato de que alguns dos próprios modelos de interpretação e comportamento, com os quais se habituou, não combinam com o contexto cultural estranho. Devido a isso surgem experiências de diferença, determinadas pelos pontos de vista com os quais a gente se encontra em cada situação. Isso pode levar, em ambos os lados, a dissonâncias cognitivas que se sobrepõem umas às outras, como, p. ex., a imputação de má intenção ao outro, a atribuição de fraqueza à mulher, que não ficam sem consequências para o comportamento futuro e os sentimentos e o agir dentro da relação.

Tendo por certo que no encontro intercultural dois sistemas de significação se entrecrocaram, então é de se esperar que desentendimentos não sejam a exceção, mas a regra. É preciso que, nesse caso, compreensão intercultural inicie, obrigatoriamente, no desentendimento, pois é somente quando esse distúrbio for trabalhado por meio da diferença que pode acontecer comunicação com sentido.

Pressuposto é, neste contexto, que cultura pode ser definida como um sistema de significado pelo qual pessoas orientam seu comportamento de maneira que faça sentido. Essa orientação pela interpretação de sentido da realidade é necessária, porque pessoas não são dirigidas por instintos e porque não percebem a realidade circunstante de maneira direta, como ela é, mas só mediada pelas impressões dos órgãos sensoriais, que, por sua vez, também carecem de interpretação a fim de receber

sentido. Essa visão semiótica e construtivista da cultura, defendida pelo antropólogo cultural Clifford Geertz e outros, parte do princípio que todas as expressões culturais, portanto, também artefatos como edifícios, obras de arte, cerâmica, técnica e ferramentas, devem ser vistas, inicialmente, como textos, cujo significado cabe aclarar.<sup>10</sup> Só quando, por intermédio de interpretação, o sentido de um produto cultural ou de um modo de comportamento cultural se esclarece, fica possível comportar-se de forma significativa em relação a eles, usando a aparelhagem técnica, avaliando a obra de arte. A própria avaliação significativa é, no entanto, um constructo do intérprete. Desentendimentos na comunicação intercultural acontecem devido a diferentes construções de sentido pelos intérpretes, determinadas pelo diferenciado sistema cultural de sentido que cada qual aprendeu em seu tempo. Com essa visão construtivista resulta, em comparação com a teoria da compreensão empática, uma interpretação modificada de processos hermenêuticos, que poderia ser aproveitada para uma melhora da comunicação intercultural.

#### 4. Compreensão intercultural a partir de uma perspectiva construtivista

Um reconhecimento fundamental do construtivismo radical reside na percepção de que na comunicação não é transferida nenhuma informação de um emissor para um receptor. Niklas Luhmann<sup>11</sup> apresentou, no contexto da teoria dos sistemas, que sistemas são grandezas relativamente fechadas para fora, sendo o *input* (= entrada de dados), surgido nas interfaces nas quais o sistema se encontra acoplado com o entorno, retrabalhado pela diferenciação interna do sistema. Disso se deduz que o significado de um acontecimento, que é percebido por observação pelo sistema, só se ganha quando há comparação dos dados da observação com acervos de saber já conhecidos, seguidos por um enquadramento que faça sentido.

Um exemplo disso é o sistema de diagnóstico da medicina ocidental: ele enquadra, por meio de observação, dados adquiridos dentro de uma sistemática de doenças, sobre cuja base um médico ou uma médica então estabelece o diagnóstico e planeja o tratamento. A médica funciona como observadora, que recorre a um sistema de conceitos e categorias da medicina. No encontro intercultural isso pode levar a incompatibilidades. Georges Devereux, p. ex., relata sobre a psicoterapia de um indígena *prairie* nos EUA<sup>12</sup>, que se encontrava no hospital psiquiátrico com o diagnóstico de uma psicose esquizofrênica. O indígena relata, entre outras coisas, sobre visões de lobos que, segundo categorias da medicina ocidental, devem ser interpretadas como alucinações e valem como sintomas da esquizofrenia. Para o

---

<sup>10</sup> GEERTZ, C. **The Interpretation of Cultures**. New York, 1973.

<sup>11</sup> LUHMANN, N. Kommunikation und Handlung. In: \_\_\_\_\_. **Soziale Systeme**. Frankfurt, 1984. p. 191-241.

<sup>12</sup> DEVEREUX, G. **Realität und Traum**. Psychotherapie eines Prärie-Indianers. Frankfurt a. M., 1985.

índigena, porém, no contexto do sistema de significado de sua cultura, elas constituem mensagens de uma realidade transcendente, em que ele é mandado a entrar em disputa com o animal totêmico. O acontecimento observado é interpretado diferenciadamente pelo sistema da medicina e da sociedade indígena, sendo o significado construído por intermédio de modelos de significação previamente existentes.

Humberto Maturana e Francisco Varela<sup>13</sup> explicaram, com base na teoria dos sistemas e do construtivismo, como o processamento de informações se dá nas pessoas. Pessoas são, como sistemas vivos em geral, sistemas autopoieticos, que se direcionam e conservam a si próprios. Em relação ao seu entorno, são relativamente fechados. O contato com o entorno se dá por meio dos órgãos sensoriais. As impressões do meio ambiente constituem impulsos elétricos repassados pelo sistema nervoso, que no cérebro são retrabalhados em imagens, sons, percepções, odores, sabores. Por meio da comparação eles são enquadrados de maneira lógica com a recordação e avaliados. Isso pode ocorrer no âmbito da linguagem. Ela permite a articulação consciente da importância de um evento para as próprias pessoas e para outros, e é, por sua vez, um complexo sistema de signos e significados, apreendido por meio da interação com o meio ambiente. Sistemas vivos são observadores do seu entorno, ao qual se encontram estruturalmente atrelados, mas ao qual não possuem nenhum acesso direto. Eles guiam a si próprios em seu entorno como um avião que voa com piloto automático, que rastreia o entorno de acordo com determinados dados e valores previamente programados por instrumentos de medida, como, p. ex., medidores de altura, que compara os dados e, em casos de desvios, emite impulsos de redirecionamento.

Também para a comunicação da linguagem vale, então, que o significado dos signos verbais, não verbais e paraverbais no cérebro do observador é retrabalhado de maneira que corresponda aos modelos de linguagem e significado existentes, anteriormente apreendidos e lembrados no ato da comunicação. Por isso são inevitáveis as diferenças de interpretação baseadas em construções de sentido culturalmente fixas. Elas, contudo, não passam de uma variante do caso normal, a saber, do fato de que permanece uma diferença, em última análise não totalmente superável, entre as pessoas individuais, que de caso a caso constroem sua própria realidade, seguindo, em termos de comportamento, a lógica de sua construção de realidade. Por meio de atos de comunicação surge, no entanto, uma coconstrução da realidade, que possibilita que pessoas se orientem significativamente de forma semelhante. Comunicação de linguagem fundamenta-se no fato de que o significado da manifestação linguística seja construído globalmente de maneira análoga pelos parceiros de comunicação e que esses se certifiquem dessa concordância. No ato da comunicação linguística os parceiros de comunicação esboçam uma realidade comum, um universo de significado comum, dentro dos quais eles se comportam

---

<sup>13</sup> MATURANA, H.; VARELA, F. **Der Baum der Erkenntnis**. Die biologischen Wurzeln des menschlichen Erkennens. Gütersloh, 1984.

reciprocamente. Para a comunicação intercultural isso significa que, no processo de comunicação entre parceiros culturalmente distintos, os sistemas culturais de ambos os parceiros de comunicação são validados e modificados. Eles desenvolvem uma realidade cultural nova e comum, que modifica elementos dos sistemas culturais de significado dos quais eles provêm. Cultura não é algo estático, ela é processual. Todo ato de comunicação a constrói e modifica. Comunicação intercultural é, nesse sentido, só uma variante do processo normal da cultura. Ela, contudo, oferece a chance do entendimento pelo esboço de novas realidades culturais comuns. Aqui ocorrem, se assim o quisermos, misturas. A cultura nunca emerge de forma pura. Ela é, se assim o pretendermos, constantemente misturada em construções de realidade comuns. Mais apropriado que o conceito da mistura talvez seja afirmar que, no esboço de uma realidade comum, certos limites são ultrapassados pelos parceiros de comunicação. A construção dessas novas realidades além dos limites de sistemas de significado culturais e religiosos existentes e a construção do processo de entendimento são, simultaneamente, o grande desafio para a comunicação intercultural, seja na poimênica e no aconselhamento, seja na macrosfera da política.

## **5. O procedimento metodológico da poimênica intercultural e inter-religiosa**

Como a poimênica intercultural procede metodologicamente? Ela inclui um elemento do conhecimento da cultura ou da análise cultural na comunicação. Nesse processo ela presta atenção na influência que exerce sobre aquilo que pessoas dizem no diálogo a linguagem e as dificuldades de linguagem, imagens culturais da família, o papel de homem e mulher, valores e normas, concepções de autoridade e poder, imagens religiosas e filosóficas do mundo e das pessoas e os ritos e costumes de religiões vivenciadas.

Poimênica intercultural introduz-se, dessa forma, espontaneamente no diálogo inter-religioso. Ela se torna poimênica inter-religiosa ali onde a convivência de pessoas de diversas religiões se transforma em tema do aconselhamento e onde ocorre diálogo com pessoas de características religiosas diferentes. A poimênica inter-religiosa é limitada pela liberdade religiosa, ou seja, pela proibição da cooptação religiosa do outro (influência não consensual de comportamento motivada religiosamente e de práxis religiosa da outra pessoa, exercício de práticas religiosas estranhas por curas d'alma cristãos).

Pelo fato de curas d'alma não poderem ser especialistas em diferentes culturas, na maioria das vezes eles dependem de descobrir o aspecto cultural das construções da realidade no próprio diálogo. Metodologicamente eles necessitam introduzir um laço adicional de realimentação no processo da compreensão, ou dito de forma mais simples: necessitam informar-se sobre o pano de fundo cultural de algo dito pela outra pessoa. Trata-se de receber informações precisas dos parceiros

de diálogo na poimênica, quando uma informação ou comportamento é incompreensível, provoca irritações ou parece ser questionável.

Na comunicação intercultural com sucesso os interlocutores fazem das diferenças culturais tema expresso da comunicação, podendo, ao mesmo tempo, aconselhar-se mutuamente como especialistas da cultura de cada qual. Nesse contexto não se trata de uma espécie de metacomunicação sobre a forma pela qual ambos se comunicam. Isso iria interromper a comunicação e não levar a nada. Pelo contrário, como temas na comunicação são introduzidas simplesmente a diferença cultural ou a importância cultural daquilo que é falado. No ato da comunicação faz-se referência, numa espécie de laço adicional de realimentação, ao possível significado diferente de afirmações no contexto cultural.<sup>14</sup> Isso se torna necessário, especialmente, quando são percebidos distúrbios na comunicação.

Competência intercultural se comprova e se forma na maneira como aprendemos a lidar com essa experiência de diferença.

Na interculturalidade não se trata de permeabilidade no sentido de uma difusão de limites contextuais. Isso colocaria em perigo a peculiaridade de cada pessoa; o medo de perda de identidade e de ser invadido por elementos estranhos iriam levar compreensivelmente para atitudes de rejeição e defesa. Trata-se, isto sim, de transposição de fronteiras sobre a base segura de diferença significativa e, por isso, produtiva socialmente.<sup>15</sup>

Aspectos centrais [...] da competência intercultural são a capacidade de analisar “constructos de diferenças”, portanto, constructos de sentido referentes a limites baseados na pertença a determinado sexo, etnia ou forma de vida, e, além disso, a comunicativa “capacidade de refletir as tensões que podem surgir [...] no encontro entre ‘coisas que são próprias’ e ‘coisas que são de estranhos’ [...]”, de compreender processos comunicativos e esclarecer desentendimentos e conflitos daí resultantes.<sup>16</sup>

## 6. Teologia das religiões

Como é possível, agora, fundamentar a poimênica intercultural e inter-religiosa? Quais são suas possibilidades e seus limites? Poimênica caracteriza-se pelo fato de aqueles que a oferecem se movimentarem no contexto de um jogo linguístico religioso e, portanto, já terem aceito um sistema religioso de significado que, em regra, consideram como normativo para sua postura e comportamento. A pergunta pela fundamentação teológica da poimênica intercultural e inter-religiosa leva por isso à pergunta pela possibilidade de uma teologia das religiões que esteja em condições de responder se e como no diálogo de pessoas diferenciadas pode-se

---

<sup>14</sup> Cf. sobre isso LOSCHE, H. **Interkulturelle Kommunikation**. 2. ed. Augsburg, 2000. p. 64.

<sup>15</sup> BREUER, M.; STEINHILBER, B.; TOMANBAY, I. **Interkulturelle Begegnung**. Erfahrung im deutsch-türkischen Studierendenaustausch. Freiburg, 2004. p. 124.

<sup>16</sup> BREUER; STEINHILBER; TOMANBAY, 2004, p. 126.

manter válida a verdade religiosa na qual creem e como esta se relaciona com a reivindicação de validade da verdade religiosa do outro. Definamos religião, em adesão a Schleiermacher e Tillich, como relação da pura e simples dependência de um outro, que me diz respeito de forma incondicional. Aquilo que nos diz respeito de forma incondicional é simbolizado por portadores culturais de significado, espaços, prédios, textos sagrados, palavras da doutrina, ritos e utensílios sacramentais, que medeiam a relação com o totalmente outro, o Sagrado.

À primeira vista parecer ser consequente dar continuidade ao esboço construtivista no campo da teologia. Nesse caso, poderíamos dizer que as religiões constituem sistemas simbólicos que pessoas construíram e desenvolveram comunicativamente adiante no processo histórico de incontáveis encontros e diálogos. Elas são produtos de um sincretismo religioso genérico que é tão antigo quanto a cultura humana e se encontram num constante processo aberto de desenvolvimento progressivo por meio da mistura de significados religiosos em novas construções de sentido. Nesse processo aberto trata-se de desenvolver um ponto de vista religioso próprio, que é inseguro por não ser carregado pela certeza de ser absolutamente verdadeiro. Diante do horizonte aberto do futuro desdobra-se uma pluralidade religiosa na qual a verdade transcendente do divino só se revela em sua multiplicidade. O construtivismo conduz a uma “teologia das religiões” pluralista, na qual é relativizada a reivindicação de validade absoluta da posição religiosa própria. Considerando a reivindicação de absolutismo de algumas religiões, isso só consegue ser mantido quando se passa a definir pragmaticamente a tolerância religiosa como norma estatal absoluta, ou seja, quando, portanto, se chega a um acordo em relação a um critério absoluto fundamentado fora da religião ou se encontram no diálogo parâmetros comuns compromissivos para o convívio com a diversidade. Também a teoria do pluralismo religioso necessita, portanto, de um ponto referencial absoluto. Ela implica, além disso, uma relativização da importância das diversas religiões, incompatível com a reivindicação de validade relacionada, pelo menos, com as religiões mundiais monoteístas. Para poder defender esse pluralismo seria preciso que, como Lessing em sua famosa parábola do anel, partíssemos do pressuposto que o verdadeiro anel teria sido perdido e que, agora, cada um que possuísse uma cópia do anel devesse comprovar por sua conduta encontrar-se de posse do anel verdadeiro. Nesse caso, porém, não se estaria mais convicto da verdade e validade daquilo em que se crê. O pluralismo religioso mostra-nos, portanto, a multiplicidade dos constructos religiosos de sentido das pessoas como parte do *humanum*, ele mostra a religiosidade como aspecto inerente ao ser humano. Religiões são, em relação a isso, sistemas de sentido, jogos de linguagem que simbolizam a religiosidade humana de forma diversificada. Mesmo que o cristianismo seja um produto do sincretismo de judaísmo, helenismo e várias outras influências, ele não deixa de ser um jogo de linguagem relativamente finalizado em si, no qual só se entra por meio de um salto. Depois disso se contempla o cristianismo de dentro, baseado na experiência da fé. Quem se movimenta dentro do jogo linguístico cristão inevitavelmente é con-

frontado com a reivindicação de validade absoluta da revelação de Deus em Jesus Cristo, que, dessa forma, p. ex., jamais poderia ser compartilhada pelo islamismo. Por Jesus Cristo, assim o testemunho sobre Cristo do Novo Testamento, o amor de Deus chama todas as pessoas à conversão. Isso aponta para a teologia da Trindade: Deus, o Pai, revela seu amor no Filho, Jesus Cristo, e dá a entender essa verdade pelo Espírito Santo, que desperta a fé. Teologicamente é, entretanto, errôneo querer depreender daí uma teologia exclusiva das religiões que fizesse do cristianismo o parâmetro da religião verdadeira, pelo qual as demais religiões seriam avaliadas e, em última análise, desvalorizadas. Teologicamente mais apropriado é partir-se do fato de ser o amor de Deus, revelado em Cristo, universal e, portanto, não estar limitado às fronteiras do cristianismo. Ele pode dar-se a conhecer também a outras pessoas. Como ele o faz permanece oculto e foge à percepção dos cristãos, uma vez que a revelação de Deus não é reconhecível senão no Cristo pregado. Deus também é o Deus oculto e sua revelação fora da pregação cristã é inacessível ao reconhecimento cristão. Quando alguém, p. ex., reconhece e afirma a revelação do amor de Deus no budismo, então ele troca de religião. Assim como o teólogo sistemático Ulrich Körtner, podemos designar essa posição de *inclusivismo metacrítico*: o grato reconhecimento da ação de Deus fora da fé cristã e a constatação de que o onde e o como desse fato não pode ser percebido a partir do ponto de vista cristão. Disso resulta também um forte mandamento de tolerância em relação a outras culturas e religiões, determinado a partir do centro da fé cristã. Pelo fato dos cristãos necessitarem pressupor que ali age o Espírito de Deus, mesmo que não consigam reconhecê-lo, eles têm o dever de reconhecer outras culturas e religiões e de respeitar suas reivindicações de validade. Ao mesmo tempo, eles têm o compromisso de conduzir o diálogo inter-religioso criticamente, a fim de que as diferenças, p. ex. na pergunta pelos direitos humanos, no convívio com mulheres, em relação à pureza e impureza corporais etc., fiquem claras e os interlocutores possam comportar-se de forma crítica em relação a elas.

## **7. Conseqüências para a práxis da poimênica intercultural e inter-religiosa**

No início afirmei ser o propósito genérico da poimênica intercultural e inter-religiosa capacitar as pessoas para comunicação construtiva em situações de entrecruzamento cultural, e ser a sua meta especial auxiliá-las a solucionar juntos conflitos e dificuldades. Isso é possível se elas, na comunicação, sempre de novo transporem concretamente limites, tematizarem as diferenças culturais e as refletirem em conjunto, cada qual a partir de sua posição. Dessa forma elas desenvolvem constructos de realidade que são conectados entre si no processo de comunicação. Esse processo da formação de relações encontra-se cunhado, da parte de um/a cura d'almas, pelo motivo do amor de Deus, válido para todas as pessoas, e conta com a ação oculta do Espírito na vida do outro, tolerando-o na alteridade de seu posicio-

namento. Poimênica é possível quando a outra pessoa aceita que o/a cura d'almas venha até ela, fundamentado em sua fé. Poimênica possibilita ao outro expressar-se da forma mais abrangente possível e trabalha, de preferência, na solução de questões concretamente levantadas ou no tratamento de temas centrais, como, p. ex., ficar com saúde, comportamento em meio a dores, luto, acertar-se com a diferença de experiências existente em pares biculturais. Na poimênica podem ser partilhadas as formas culturais de convivência do outro, p. ex., as festas e celebrações. Um limite reside, contudo, ali onde o/a cura d'almas, em função de seu envolvimento, fere alguns princípios morais baseados na fé ou começa a assumir ativamente a religião do outro. Essa é a razão pela qual, p. ex., não é conveniente que um/a cura d'almas execute rituais religiosos de uma religião estranha a ele/a, mesmo que a outra pessoa o deseje. Em vez disso deveria ser intermediado o contato com representantes competentes da religião do outro. Poimênica intercultural e inter-religiosa permanece sendo uma caminhada que oscila entre distância e mistura.